

BOLETIM INTERNACIONAL REVOLUÇÃO BRASILEIRA

Número #11 Abril/2021



A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA SAÚDE EM MEIO A PANDEMIA NO BRASIL

No último dia 7 de abril, por ocasião da celebração do Dia Mundial da Saúde, os militantes da campanha Brasil: pela Segunda e Definitiva Independência realizaram uma série de agitações em diversas cidades do país. Foram feitas panfletagens e colagens de lambes em cidades como São Paulo (SP), Juiz de Fora (MG), Porto Alegre (RS), Vitória (ES), Rio de Janeiro (RJ) e Campinas (SP). Na capital paulistana, foi montada uma banca com os materiais da campanha, para conversar com a população e os trabalhadores e trabalhadoras da saúde na região do bairro da Santa Cecília, onde está localizada a Santa Casa, um dos principais hospitais de São Paulo. Fizemos a denúncia da tentativa de desmonte do SUS que vem sendo levada a cabo nos últimos anos pelos sucessivos governos e de como a pandemia do novo coronavírus desvelou como o Estado Brasileiro sucateia e não investe na saúde pública, para entregar todas as verbas ao setor privado de hospitais e planos de saúde. O resultado disso é ver milhares de brasileiros e brasileiras se contaminando e morrendo por um vírus para o qual já existe vacina. A campanha Brasil: pela Segunda e Definitiva Independência é uma iniciativa proposta pela União Reconstrução Comunista (URC) e outras organizações e militantes patriotas para defender a necessidade da libertação nacional do nosso país, contra as forças imperialistas e a burguesia burocrática que oprimem e exploram as massas brasileiras. Abaixo o texto do panfleto distribuído no mês de abril:



URC PASSA A PUBLICAR O JORNAL “RUMOS DA LUTA”

DOCUMENTÁRIOS E FILMES SOBRE A REALIDADE BRASILEIRA Conforme informamos em nossa primeira edição, lançada em junho de 2020, o Boletim Internacional Revolução Brasileira é uma publicação de periodicidade mensal, encabeçada pela União Reconstrução Comunista (URC), que possui o objetivo de conformar uma rede de solidariedade internacional às lutas do povo brasileiro e às perspectivas de retomar a Revolução Brasileira, informando para os amigos do povo brasileiro no exterior sobre os traços da sociedade brasileira e sobre como seu povo tem lutado contra o imperialismo e as classes reacionárias locais. Para cumprir o objetivo proposto, a URC tem escrito artigos sobre diferentes temas sobre nossa realidade. Para aprofundar este trabalho, tomamos a iniciativa de traduzir, para os idiomas inglês e espanhol, legendas de documentários sobre a realidade brasileira e as lutas de nosso povo, e reproduzi-los a partir da presente edição do Boletim. O leitor poderá verificá-los na página 7 de cada edição.



A SAÚDE PÚBLICA QUE TEMOS E A QUE PRECISAMOS

A SAÚDE PÚBLICA QUE TEMOS E A QUE PRECISAMOS

Vivemos uma triste realidade: o Brasil está em ritmo acelerado ultrapassando a terrível cifra de quase 400 mil mortes pela pandemia do novo coronavírus. Essa situação colocou em primeiríssimo plano a importância do direito à saúde como uma necessidade básica para a existência humana. Principalmente para aqueles que não podem pagar por serviços privados, que são a imensa maioria de nosso povo, é indispensável a existência de um sistema público de saúde inteiramente voltado aos interesses dos trabalhadores, orientado por uma lógica coletiva, pública e acessível a todos.

O Sistema Único de Saúde (SUS) surgiu de lutas populares que demandavam por outro modelo de prestação de saúde. Em suas propostas e objetivos iniciais estavam incluídas todas as qualidades que enumeramos acima. De fato, se não houvesse o SUS e os serviços realizados com grande sacrifício por seus trabalhadores, certamente a tragédia que estamos vivendo seria ainda pior, porém, infelizmente, o sistema que existe hoje tem se mostrado incapaz de cumprir plenamente sua missão.

Isso porque o que temos atualmente é algo muito distante daquilo que propunham os idealizadores do Sistema Único de Saúde: é apenas uma parte distorcida dessa proposta, aquela que o capitalismo brasileiro e seu Estado foram capazes de realizar. Assim, a privatização foi imposta ao SUS por meio das chamadas Organizações Sociais de Saúde (OSSs), empresas privadas que atualmente abocanharam pedaços do sistema público. Além de seu orçamento também estar sendo reduzido anualmente pelos diferentes politiqueros que comandam o Estado, com a desculpa de que seu financiamento estaria sendo “responsável” pelo rombo nas contas públicas – uma piada aos ouvidos do povo!

As consequências são evidentes: o sistema de saúde não consegue dar uma resposta satisfatória em situações de crise radical como a que vivemos. Daí os problemas com os colapsos das redes hospitalares, que

não são capazes de receber todos os enfermos nos momentos críticos da pandemia, devido à falta de leitos em enfermarias e UTIs. Vemos assim um Estado impotente diante dessas deficiências, mesmo com os bilhões de reais liberados supostamente para o enfrentamento da pandemia.

Outro exemplo é a situação de milhares de trabalhadores da rede pública de saúde da cidade do Rio de Janeiro, que estão desde junho denunciando irregularidades no pagamento de seus salários. Em novembro, mais de 16 mil trabalhadores não receberam o salário, nem devem receber o pagamento de dezembro e o décimo terceiro; entre eles, estão os que trabalham nos hospitais de referência no tratamento do novo coronavírus. Segundo estimativas, o valor referente aos atrasos pode chegar a R\$ 90 milhões. Em Santa Catarina os trabalhadores do SAMU enfrentam situação semelhante: há meses não recebem corretamente os salários que deveriam ser pagos pela OZZ Saúde, empresa que administra o serviço no estado. Em São Paulo, desde o início da pandemia, os trabalhadores estão realizando protestos para denunciar a ausência de condições básicas para o exercício de suas funções, entre elas a falta de equipamentos de proteção necessários.

Para colocar um fim nessa inaceitável situação e tornar realidade um sistema de saúde de qualidade e inteiramente a serviço do povo, defendemos a total estatização do sistema de saúde. A vida das pessoas não pode ser objeto da especulação e do lucro das empresas do setor.

É urgente que os trabalhadores se empenhem em uma luta que rompa de uma vez por todas com as amarras de nossa dependência e atraso, transformando profundamente as bases de nossa sociedade. Vamos à luta pela segunda e definitiva independência nacional!

Por um Sistema de Saúde que seja, de fato, único, público e decente!



camponeses da LCP resistem à repressão em Rondônia

Em meados de 2020, o NOVACULTURA.info, por ocasião dos 25 anos da heroica Revolta de Corumbiara, escreveu um artigo que trata brevemente do histórico da luta antifeudal em Rondônia e sobre sua relação com o que ocorria em outros estados do país. Também noticiamos o expressivo fato de que, na época, no município de Chupinguaia (RO), as massas organizadas pela Liga dos Camponeses Pobres (LCP) haviam ocupado o grande latifúndio conhecido como Fazenda Nossa Senhora, que era parte das terras da antiga Fazenda Santa Elina. A partir desta ocupação, conformaram o Acampamento Manoel Ribeiro que, até os tempos atuais, permanece resistindo às investidas da pistolagem, dos grileiros, da polícia e demais puxa-sacos.

Desde quando as massas organizadas pela LCP ocuparam a Fazenda Nossa Senhora em meados de 2020, os ataques promovidos pela classe latifundiária jamais cessaram, mas também jamais cessou a resistência das massas. Segundo informações do jornal A Nova Democracia, em janeiro de 2021, foram frequentes as rondas conduzidas nos entornos do acampamento pela Polícia Militar, com a intimidação de moradores, disparos com munição fatal realizados na direção do acampamento, dentre inúmeras arbitrariedades.

E desde meados do mês de março de 2021, a opressão e os ataques têm se intensificado. A mesma notícia acima linkada mostra que o braço armado do Estado reacionário tem conduzido não ataques específicos contra o acampamento Manoel Ribeiro, mas também contra diversas áreas organizadas pela LCP, mesmo que o foco atual dos ataques seja o acampamento Manoel Ribeiro. Há uma tentativa sinistra de repressão geral para destruir o movimento camponês.

É curioso verificar como a reação tem lançado

mão da repressão em massa como forma de tentar destruir a luta do campesinato, sem fazer os devidos cálculos de que o aumento da opressão apenas levará ao aumento da resistência em Rondônia e outros estados. É também da maior importância denunciar sobre como não se trata de uma ação isolada, e sim de uma campanha reacionária organizada, com envolvimento direto do reacionário governador de Rondônia, Marcos Rocha, que chegou até mesmo a se reunir pessoalmente com policiais e fazendeiros para tratar das perspectivas de massacre.

Os intentos repressivos da reação têm sido sistematicamente frustrados pela resistência das massas rurais. Por volta de 29 de março, foi iniciada (ao menos de forma mais agressiva), em Chupinguaia (RO), a campanha repressiva contra o acampamento Manoel Ribeiro: há um cerco militar na região e uma intensa mobilização militar, que tem incluído bloqueios de rodovias e estradas vicinais, e até mesmo corte do fornecimento de vacinas contra a Covid-19 para lavradores idosos. Nada disso tem sido suficiente para impedir que as incursões da PM contra o acampamento Manoel Ribeiro, que têm ocorrido desde 31 de março, sigam sendo constantemente chutadas e frustradas. Batalhões de gorilas armados estão sendo defenestrados por trabalhadores comuns que resistem de forma organizada. Têm sido também divulgados na Internet diversos vídeos que mostram a resistência, com lavradores entoando gritos históricos do movimento camponês brasileiro.

O que ocorre atualmente em Rondônia deve ser um exemplo para o restante do movimento camponês brasileiro que permanece resistindo em meio às duras condições de repressão e ofensiva militar, ideológica e cultural das oligarquias rurais.

O Reajuste do Gás e seu impacto na vida do povo trabalhador

Em 5 de abril, a Petrobras anunciou um aumento de 39% no valor do gás natural, que entrará em vigor a partir de 1º de maio de 2021.

Ainda que os aumentos sucessivos no preço do gás de cozinha são aqueles que se expressam diretamente no bolso e nas condições básicas de vida do trabalhador, o aumento do gás natural também acarretará nisso, ainda que de forma indireta e não tão explícita, como abordaremos a seguir – e, além disso, ambos os aumentos tem um fator em comum: os processos de interferência na estrutura da estatal Petrobras.

A divulgação do aumento previsto, feita massivamente pelos veículos de mídia, tem gerado preocupação na população brasileira, que já não suporta mais sentir suas condições materiais básicas de vida serem reduzidas drasticamente pelos sucessivos aumentos generalizados dos artigos de consumo. A crise sanitária decorrente da COVID-19 no ano de 2020 é a justificativa atual do Estado burguês-latifundiário brasileiro para supostamente explicar o caos econômico do qual se queixam os brasileiros, e ainda que ela tenha, de fato, interferido nas relações de produção e de trabalho no Brasil, ela é apenas uma parte explícita de um problema muito maior, estrutural do país.

Em relação ao gás de cozinha (GLP), que no ano de 2020 sofreu 10 reajustes no preço do produto, somente no ano de 2021, já enfrentamos o 4º reajuste realizado pela petrolífera a ser repassado para as distribuidoras. Considerando a realidade brasileira atual, onde o salário mínimo é R\$1.100,00 e o pre-

ço do gás de cozinha, seguindo o reajuste, passará a custar em média R\$ 95,00 (número estimado na região Sudeste; na região Norte do país, o preço do gás já alcança os R\$ 110,00), passando então a custar quase 10% da renda, já irrisória, do trabalhador – e vejamos: aqui, falamos do trabalhador assalariado e/ou remunerado com base em um salário mínimo!

No entanto, o que fica implícito (não sem um objetivo, claro) é que a Petrobras vem sendo sucessivamente desmantelada por influência, em sua direção e gerência, das forças políticas reacionárias de uma burguesia burocrático-compradora representante do imperialismo no Brasil.

Se não refinamos no Brasil, passa-se a importar tais produtos que, de fato, teriam todas as condições de serem produzidos aqui, evitando a submissão direta às taxas de câmbio e fortalecendo as condições do mercado interno, e não mais direcionando todos os custos desse processo ao bolso do trabalhador.

No Brasil, 91% da população utiliza o gás de botijão (GLP) em casa, enquanto apenas 8% utiliza o gás encanado (gás natural), segundo dados mais atualizados do IBGE, de 2019. Assim, o consumo direto do gás natural pelo povo é ínfimo, se em comparação com o gás de cozinha.

Em suma: todo o montante do custo adicional gerado em torno do gás natural, expresso no reajuste, culminará em mais uma conta no bolso do trabalhador, em mais um processo de pauperização do povo, em mais uma forma particular dentre à universalidade da superexploração do povo brasileiro para servir aos interesses do capital.





URC PASSA A PUBLICAR O JORNAL MENSAL “RUMOS DA LUTA”

A União Reconstrução Comunista (URC), conjuntamente com a Célula Comunista de Trabalhadores (CCT), damos mais um passo no sentido de se inserir no debate da luta de massas e da revolução brasileira com a publicação do jornal Rumos da Luta. Em um momento no qual a evolução social e política da conjuntura brasileira caminha para uma crise nacional geral (que afeta explorados e exploradores, da qual V.I. Lenin afirmava ser necessária para a revolução), e diante da qual oportunistas e revisionistas na “esquerda” encaminham todos os seus esforços em busca de saídas institucionais e eleitoreiras para aplacar a insatisfação das massas e tentar salvar a já apodrecida democracia burguesa brasileira, necessitamos denunciar todas as ilusões alimentadas e apontar o único caminho possível para o nosso povo: a revolução.

E passamos a editar agora este jornal como um instrumento para um amplo trabalho de agitação e propaganda entre as massas brasileiras, para não só denunciar todas as forças, da “esquerda” à direita que atuam para a manutenção da ordem vigente, mas fundamentalmente para indicar ao proletariado, aos camponeses e as demais camadas médias empobrecidas, se quiserem uma vida digna, terão que derrotar a aliança da burguesia brasileira e do imperialismo e tomar o poder de Estado no Brasil, a tarefa primordial que os revolucionários devem retomar nos dias de hoje.

Em função dos desafios que temos que enfrentar, necessitamos de um jornal para orientar a luta pela revolução brasileira. Por isso dedicaremos nossos esforços ao Rumos da Luta, para orientar a luta proletária nas frentes econômica, política, teórica, ideológica e cultural e consolidar essa publicação como um jornal que busque a convergência das lutas dos explorados, orientando o caminho da unidade em torno dos objetivos imediatos e históricos do proletariado.

O Rumos da Luta passou a ser publicado mensalmente, no início de abril (edição #01), como um jornal de 8 páginas, formato germânico, colorido.

A nossa primeira edição traz como editorial um artigo sobre a pobreza e a riqueza no Brasil e quem se beneficia disso; na seção de conjuntura nacional um texto sobre a tentativa de salvação da moribunda democracia burguesa brasileira e na seção internacional um artigo sobre a luta do povo cubano pela saúde mesmo diante do bloqueio imperialista; além de textos sobre a recente greve sanitária dos professores paulistas e a importância da filiação sindical dos trabalhadores; também publicamos artigos sobre a necessidade da luta contra a tentativa de privatização do Ensino Superior público e sobre a violência doméstica contra as mulheres brasileiras; fechamos a edição com uma homenagem a Pixinguinha e seu papel na construção da cultura brasileira e aos 150 anos da Comuna de Paris.

POBREZA E RIQUEZA

RUMOS da LUTA

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

Pobreza e riqueza, como sabemos, são os dois polos de uma mesma contradição. Uma não existe sem a outra. No entanto, por mais evidente que isso seja, há uma tentativa sistemática de ocultar essa realidade, de fazê-la incompreensível ou, ao menos, de justificá-la.

A razão para essa tentativa de ofuscar o fenômeno é o interesse da burguesia e demais setores privilegiados na sociedade capitalista em manter as coisas como estão, ou mudá-las superficialmente, para que tudo continue como está.

Por isso, ainda que a coisa seja evidente, é preciso, no interesse do progresso da luta das classes exploradas, explicitá-las de vez em quando. Assim, vejamos a quais grupos sociais interessam a miséria de dezenas de milhões de pessoas no Brasil.

Burguesia. A burguesia, classe dominante na sociedade capitalista tem interesse direto na existência de pessoas em condições precárias. Quanto maior o número de desempregados, mais aqueles que estão trabalhando tendem a aceitar baixos salários, ou mesmo a trabalhar sem direitos. Quanto mais baixos os salários, maior o lucro dos burgueses.

Narcotráfico. A existência de milhões de marginalizados também interessa ao narcotráfico, que é um negócio muito lucrativo que se desenvolve no capitalismo. É entre as pessoas pobres que o narcotráfico recruta os trabalhadores dos seus negócios. Dizemos negócios, no plural, porque como se sabe, o tráfico de drogas se combina com outros crimes.

Igrejas. Com todo o respeito que devemos ter aos crentes de todas as religiões, que honestamente praticam seus cultos e contribuem na manutenção deles, não se pode ocultar o interesse que tem os chefes das igrejas na existência de pessoas pobres, que, inseguras quanto ao dia de amanhã, se apegam a fé como último recurso e muitas vezes são exploradas, e não apenas financeiramente. São conhecidos no meio religioso casos de abuso de todo tipo, até mesmo o abuso sexual.

Partidos. Não falamos aqui dos partidos de direita, porque desses não se espera nada diferente. Falamos de partidos como o PT, PC do B, PSOL, entre outros, que também se beneficiam com a existência de milhões de miseráveis. Quanto mais rebaixada estiver as condições de vida dessas pessoas, mais estes partidos poderão rebaixar suas propostas e apresentá-las como se fossem uma grande coisa.

ONGs. As chamadas ONGs também têm inte-

resse na miséria de milhões porque é daí que vem a possibilidade de se apresentarem para prestar serviços que o poder público não oferece suficientemente. O detalhe é que o dinheiro que financia essa prestação de serviços é, na maior parte, dinheiro público. Podemos concluir assim que não há nada mais governamental do que uma ONG.

Imprensa burguesa. A imprensa burguesa que, não devemos esquecer, é também uma empresa capitalista, tem interesse direto na existência de milhões de miseráveis, para poder melhor explorar seus trabalhadores. A imprensa burguesa também vive da propaganda que os governos e empresários privados fazem nas suas páginas. Por essa razão, a dita “imprensa livre” trata de manter na ignorância a maioria das pessoas sobre as verdadeiras causas da miséria.

Indústria armamentista. A indústria armamentista é um setor empresarial que também tem grande interesse na existência de setores miserabilizados da população, pois dessa miséria nasce a violência que deve ser coibida pela polícia e daí a justificção da produção de armas, além do interesse geral a que já nos referimos acima. Não por acaso, Bolsonaro é um ardoroso defensor do armamento da população, justamente porque é um ardoroso defensor do capitalismo e de tantas outras barbaridades.

A deterioração material da vida das populações agudiza a criminalidade e provoca a violência, que enriquece facções burguesas interessadas em vender segurança (armas, alarmes, programas sensacionalistas, etc.) e, para vender segurança, é necessário fazer proliferar o crime (o tráfico de drogas, de pessoas, etc.), controlado por máfias aliadas aos poderes do Estado burguês.

Por isso Bolsonaro fala de “lixo marxista”. Por isso esta “santa aliança” combate sem tréguas os comunistas e sua orientação científica – o materialismo histórico e dialético – também conhecido como marxismo-leninismo.

Por isso nós somos intransigentes defensores do marxismo-leninismo, como única ferramenta totalmente eficaz para levar adiante a luta pela melhoria das condições de vida do povo explorado e pela revolução que vai colocar fim a essa exploração.

EDITORIAL DA PRIMEIRA EDIÇÃO
DO JORNAL “RUMOS DA LUTA”

DOCUMENTÁRIOS



O documentário **“Outra ode às costureiras”** retrata a vida de 5 costureiras de Blumenau enfrentando dilemas, dores e sequelas que o dia a dia de trabalho deixou em suas vidas. O filme também conta com depoimentos de médicos, advogados, da Associação dos Profissionais Liberais e Regulamentados do Brasil - APLER e do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis - Sintrafite. As filmagens começaram em outubro de 2016, como um trabalho de conclusão de curso na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina – de Ariel Schloegel. O documentário foi filmado por toda Blumenau, e além dos depoimentos, acompanha o dia de trabalho de uma dessas costureiras, desde o momento em que sai de casa até o caminho de volta. “A ideia começou há dois anos, através do meu pai que trabalhava na APLER, então tive contato com aqueles que sofriam de LER – Lesões de Esforço Repetitivo e DORT – Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho, e então tive a chance de fazer trabalho social, de não esquecer as dificuldades dessas pessoas”, conta Ariel Schloegel, cineasta responsável. A obra expõe os males da exploração capitalista em sua face nua e crua. Embora as empresas tenham lucros cada vez maiores, os trabalhadores, além de receberem baixos salários, sofrem em sua carne e osso a destruição causada pelo capitalismo. Muitas vezes se acredita na possibilidade de algum tipo de consumo ético sob a égide de um sistema que se baseia na exploração do homem pelo homem. O documentário indelivelmente nos mostra essa mentira. O capitalismo se reproduz com crise e doença. Seus trabalhadores são esmagados na máquina de moer carne humana e produzir lucro.



Filmado em 1986, o filme **“Terra para Rose”** registra a ocupação de uma fazenda no Rio Grande do Sul, investiga a luta pela reforma agrária no Brasil após a ditadura e a atuação do Movimento dos Trabalhadores sem Terra. Para isso, aborda a história de Rose e suas companheiras, que lutam para conquistar um pedaço de terra para plantar e viver.